

02-12-2020

## Samba

**Consuello Del Pratto Dias Leite**

[Assistente social. Musicoterapeuta]

Andando e cantando, por dever de ofício, pelas áreas rurais de Pernambuco e meio peregrina dos sertões nordestinos, cato cânticos, danças e nossa cultura musical perdida.

Entre mandacarus e carcaças suplicantes, já vi muita beleza pela voz e pelos pés das gentes do agreste, gentes causticadas, enrugadas e dignas, apesar da miséria e da opressão. Os mandacarus lançam suas lindas flores à noite para murcharem aos primeiros raios de sol.

As gentes nordestinas murcham ao entardecer e florescem com o sol para enfrentá-lo com a força do mistério.

Escrevi esse texto há alguns dias como se o estivesse escrevendo hoje. Isso porque hoje estarei com minhas crianças em Belém do São Francisco, cidade do interior pernambucano, cantando e dançando samba.

Não que o samba seja um ritmo tipicamente nordestino, dizem que é lá do Rio de Janeiro, mas é brasileiro e, como educadora, levo também o samba para a garotada do sertão nordestino. Principalmente porque hoje é o Dia Nacional do Samba. E por que dia 2 de dezembro? A Câmara dos Vereadores de Salvador, em 1940, homenageou Ary Barroso, um apaixonado pela Bahia, na data em que ele a visitou pela primeira vez - 2 de dezembro - que passou a ser o Dia do Samba. Dizem até que a paixão recíproca entre Ary e a Bahia começou com a música “Na Baixa do Sapateiro” (1938). Melhor pra nós: um mineiro, um vereador baiano (Luís Monteiro da Costa), cariocas sambistas e uma educadora pernambucana - mosaico da brasilidade cultural - que hoje é abandonada e perseguida pelo governo que nos desonra. Embora o samba seja aparentemente pouco nordestino, não é.

Suas incontestáveis raízes negras estão mescladas no xote e no maxixe, ritmos mais identificados com o Nordeste.

Onde começam? Onde se misturam? São tantos sambistas de genética pura espalhados por todo o Brasil que o samba talvez seja o ritmo mais misturador da nossa cultura multiétnica. E, de mais a mais, Pernambuco (Recife) nos legou Bezerra da Silva (1927-2005). Precisa mais?

Talvez precise. O que dizer de Rildo Hora, caruaruense, que acompanha há décadas os maiores sambistas do Brasil? E o recifense Antonio Maria (1921-1964), o rei do samba-canção? Assim é por aí - sambistas do Brasil uni-vos!

Em cada estado brasileiro, a cada momento tem alguém cantando, tocando e dançando samba. A Bahia, d’onde nasceu esse dia santo, nos deu desde que o samba é samba, Caetano, Gil e sambistas que colocam mel na boca de Zeca Pagodinho, como Roque Ferreira (Água da Minha Sede) e Nelson Rufino (Verdade). A lista infinita dos baianos sambistas tem Dorival Caymmi (1914-2008) como patrono.

*“O samba da minha terra deixa a gente mole, quando se canta todo mundo bole. Eu nasci com o samba, no samba me criei. Do danado do samba nunca me separei. Quem não gosta de samba bom sujeito não é, é ruim da cabeça ou doente do pé.”*

Há uns 8 anos quanto mais me aproximava da música, em minha missão de assistente social da rede escolar, tirei férias em dezembro para ir ao Trem do Samba, no Rio de Janeiro. Na noite de 30 de novembro embarquei para não ter erro daí a dois dias, pois eu ainda não conhecia o Rio.

No dia 2 de dezembro, o Trem do Samba sai da Central do Brasil, o mesmo local onde Jango Goulart fizera o seu discurso das reformas de base para produzir um país melhor. Nada mais apropriado quase 50 anos depois.

Até Madureira, terra de bambas, as companhias no Trem borbulham. Foram 20 dias de borbulhas. Mas o dia do Trem era um só. Meu amigo zabumbeiro Dorival, morto de inveja quando lhe contei que eu ia ao Trem, me ensinou que Samba é também o apelido de uma bebida maravilhosa e baratinha: Cachaça com Coca-Cola! Adivinhem minha economia na viagem... Entre outras maravilhosas loucuras, talvez maiores do que no frevo em Olinda com Alceu Valença, tirei uma foto com Nelson Sargento. E o sambista quase nonagenário ainda deu um gole no meu copo de plástico “sambado”. Pois hoje, 2 de dezembro, estou a mais de 400 km do Recife, sem o Samba do Dorival com Coca-Cola, mas com o samba das minhas crianças do agreste seco do Nordeste. Eu sempre começo as nossas travessuras musicais contando um pouco da história do gênero musical que a gente vai cantar, dançar e brincar. Dessa vez falei pouco, pois eu teria que falar muitos nomes que eles não entenderiam quem eram - Paulo da Portela, Candeia, Cartola, Nelson Cavaquinho, Luiz Carlos da Vila, Ivone Lara, Walter Alfaiate, Beth Carvalho, Monarco, Wilson Moreira, Paulinho da Viola, Elton Medeiros, Martinho da Vila e mais e mais -. Enquanto eu brincava com a menina (e os nomes iam passando na minha cabeça), um nome eu tive que falar: *“Hoje vamos cantar e dançar um samba... Quem fez esse samba foi uma pessoa muito bacana que já morreu há muito tempo: Ary Barroso. Ele amava tanto o Brasil que fez uma música para o nosso país: a Aquarela do Brasil, mas nós vamos cantar outra música dele: Os quindins de Iaiá...”* Coloquei a música cantada por Dominginhos, outro pernambucano ilustre que eles já conheciam e eles adoraram a música! Seus olhos brilharam e os meus adivinhem... Acho que Ary Barroso quando fez essa música estava arrodado de crianças. Depois que os meus meninos e minhas meninas pegaram o jeitinho da música nem queriam parar. Eu só ouvia: *mais, Tia, mais...* Imaginem a cara que eles fizeram quando passei o filminho. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*